

Surf: do desenvolvimento histórico ao profissionalismo

Pedro Caetano Souza¹

RESUMO

Além das peculiaridades culturais e filosóficas que envolvem o surf. Existe a consolidação de uma modalidade esportiva. Com sua raiz no Havaí, o surf veio se desenvolvendo enquanto uma prática do lazer e se profissionalizando enquanto esporte. De um modo geral, uma vez que o praticante possua uma prancha, o surf pode ser realizado em qualquer praia que possua ondas. Entretanto, por se tratar de um esporte radical, existe um risco iminente e, portanto, deve-se praticar com responsabilidade a fim de se evitar possíveis lesões. Do ponto de vista competitivo, notas de zero a dez são atribuídas às ondas surfadas pelos atletas, sendo que os juízes levam em consideração a qualidade das manobras realizadas. As manobras, que são de grande complexidade técnica, envolvem uma combinação de capacidades físicas como força, velocidade e coordenação motora. Levando em consideração o tempo total da viagem de um surfista numa onda, o surf é um esporte que utiliza prioritariamente a fonte energética anaeróbia, com alternância dos sistemas alático e/ou lático.

Palavras Chaves: Esporte, Surf, Desenvolvimento, profissionalismo.

ABSTRACT

Besides the philosophical and cultural peculiarities involving surfing. There is the consolidation of a sport. With its roots in Hawaii, the surf came up while developing a practice of leisure and sport while becoming more professional. In general, once the practitioner holds a board, surfing can be performed on any beach that has waves. However, because it is an extreme sport, there is an imminent risk and therefore should be practiced responsibly in order to avoid possible injuries. From a competitive standpoint, scores from zero to ten are assigned to waves ridden by the athletes, judges take into account the quality of the maneuvers. The maneuvers, which are of great technical complexity, involving a combination of physical abilities such as strength, speed and coordination. Taking into account the total journey time of a surfer on a wave, surfing is a sport that uses primarily the anaerobic energy source, alternating systems alactic and / or lactic.

Key Words: Sports, Surf, development, professionalism.

INTRODUÇÃO

Dentre os esportes praticados na natureza, o surf certamente ganha destaque. Basta frequentar qualquer praia mundo a fora que possua ondas para a prática dessa modalidade que, naturalmente, aparecerão os entusiastas surfistas com suas pranchas em baixo dos braços. Isso porque a popularidade desse esporte se disseminou de tal modo que, hoje em dia, é corriqueiro presenciar surfistas de diferentes idades e de ambos os sexos. Os sentimentos descritos pelos adeptos dessa modalidade são os mais variados possíveis. Há quem diga que surfar é o alimento da vida espiritual, que o surf é religião, é amor incondicional, é filosofia, é cultura ou simplesmente estilo de vida. Aparentemente o surf é um esporte de inclusão, que agrega valores e sentimentos. É um esporte democrático, onde os surfistas, limitados a uma prancha e um calção, evitam as diferenças sociais, neste

universo o pobre e o rico dividem e cultivam o mesmo ambiente, são todos apreciadores do oceano, arriscam de estudantes das dinâmicas dos ventos, marés, lua e ondas, sempre com um objetivo em comum, o utópico sonho de surfar a onda perfeita.

ORIGEM E EVOLUÇÃO

É sabido que os primeiros a realizarem tal feito habitavam as beiras dos mares do pacífico há centenas de anos atrás, no entanto, surgem algumas divergências quando se trata do local exato onde foram surfadas as primeiras ondas. Diversos autores preconizam que o surf se origina e se desenvolve no Havaí, sendo que o capitão inglês James Cook, colonizador deste arquipélago, foi o primeiro europeu a presenciar o surf e realizar os primeiros relatos sobre tal fenômeno¹⁻⁵. Já os estudos de Kampion e Brown⁶ sugerem que o surf pode ter tido sua origem em mares peruanos, onde a população nativa, de estreita relação com o mar, retornava de suas pescarias pegando “carona” nas ondas, em posição bípede, numa embarcação semelhante a uma canoa, denominada *caballitos de totora*. No entanto, de acordo com o desenvolvimento e popularização do surf ao longo da história, nos parece plausível afirmar que a procedência havaiana do surf tem maior destaque e influência no progresso da modalidade.

Passados alguns contratempos no processo de popularização do surf, tendo seu maior declive em meados do século XIX quando os europeus praticamente extinguiram o surf ao considerarem um esporte imoral frente à igreja, surgem então, a partir do ano de 1900, alguns personagens marcantes no renascimento e divulgação do surf⁶⁻⁷. É nessa época que um havaiano chamado Duke Kahanamoku se consagra na história do surf. Duke foi atleta de natação em nível olímpico e ao competir em grandes eventos internacionais, fazia questão de carregar sua prancha na bagagem e divulgar o surf nas mais diversas regiões do planeta. Tais feitos lhe renderam os títulos de embaixador do surf e pai do surf^{3,4,5,7}.

É no período de 1945 a 1966 no estado da Califórnia, nos EUA, que as aspirações de Duke Kahanamoku se concretizam. Acredita-se que, mais

precisamente na região de Malibu, se inicia a cultura do surf com o surgimento das primeiras lojas, revistas e filmes específicos do ramo⁷. O surf passa a ser um estilo de vida que atinge proporções mundiais. Há então o surgimento de uma ampla comunidade de surfistas de hábitos extremamente fiéis a modalidade, capazes de se vestir, falar e agir conforme transcorre o universo do surf.

A partir desse momento o surf se desenvolve e inicia um processo de auto-afirmação como modalidade esportiva, sendo que em 1964 é realizado o primeiro campeonato de surf assegurado pela primeira entidade a fim de contribuir com a evolução do surf como modalidade esportiva, a *International Surfing Federation* (ISF)^{4,6}. De tal data em diante o surf não para de se alargar. Deste modo as empresas responsáveis por confeccionar roupas e equipamentos se desenvolvem em paralelo bem como as instituições organizacionais⁷.

Em 1976 a ISF passa a denominar-se ISA (*International Surfing Association*) que com o reconhecimento do Comitê Olímpico Internacional, a partir de 1982 passa a ter a responsabilidade de conduzir o surf amador em nível mundial. Vale ressaltar que é no mesmo ano que ocorre o nascimento da IPS (*International Professional Surfers*), já esta responsável em reger o surf profissional em nível mundial, com o árduo encargo de organizar o circuito mundial de surf profissional. No entanto, já em 1982 a IPS é substituída pela atual ASP (*Association of Surfing Professionals*) hoje reconhecida como órgão máximo do surf profissional⁷.

A verdadeira profissionalização do surf coincide com o período de 1992 até a atualidade, em que a competição atinge os mais elevados níveis de organização e divulgação, com um maior número de competidores a cumprirem programas de treino, acompanhados pelos respectivos treinadores⁷.

Cabe reforçar também que é a partir de 1992 que o maior ícone do surf mundial, Kelly Slater, inicia sua incrível jornada de campeão ao conquistar seu primeiro título mundial da ASP, sendo que hoje o atleta já soma onze títulos de campeão do mundo, ganhando reconhecimento em nível mundial como o melhor

surfista de todos os tempos, sendo capaz de, por mais de duas décadas, aperfeiçoar suas técnicas paralelamente à evolução profissional da modalidade.

LOCAIS E MATERIAIS UTILIZADOS PARA O ESPORTE

De um modo geral, o surf pode ser praticado em qualquer praia que existam ondas. Ainda que as ondas possam ser definitivamente diferentes de um local para o outro, sofrendo variações de acordo com o tamanho, o fundo sobre o qual elas quebram, conforme as variações de maré estreitamente relacionada com as fases da lua, segundo a direção dos ventos que sopram sobre a superfície do mar e etc. Portanto, um surfista deve constantemente adequar suas habilidades consoante às variações do ambiente descritas acima.

Quanto aos equipamentos fundamentais à prática, a prancha é absolutamente o instrumento essencial. No entanto, esta deve ser rigorosamente individual, sofrendo variações de formas e medidas de acordo com o nível e estrutura anatômica do praticante, bem como consoante os tipos de ondas as quais serão submetidas.

Segundo Araña⁵, o surfista necessita de um bom equipamento, seguro e que esteja de acordo com o seu nível de surf. Sendo que a presença de um profissional experiente é fundamental para aqueles que querem iniciar na modalidade. O autor ainda indica os equipamentos indispensáveis aos dias normais e aos dias mais frios. Portanto, o surfista deve juntar a sua prancha: uma cordinha específica (*leash*) que prende o surfista à prancha; um antiderrapante de borracha sobre a prancha mais a parafina para que o surfista não escorregue sobre a prancha; bermuda confortável e camisa de lycra que evitem assaduras e facilitem a mobilidade. E nos dias mais frios, o surfista deve fazer uso da roupa de neoprene (roupa de borracha), já que esta mantém o corpo do surfista aquecido, e quando for necessário, usar luvas e botas de borracha.

LESÕES

Apesar de no Surf não haver o contato físico com o oponente, como em esportes como o futebol ou handebol, por exemplo. Por se tratar de um esporte radical, praticado em ambiente imprevisível onde existe um risco iminente sobre os praticantes, é natural que exista um determinado índice de lesões aos quais os surfistas devem estar atentos as ocorrências.

Estudiosos vêm criando um diagnóstico dessas incidências a fim de desenvolverem um sistema de prevenção de lesões, sobretudo com o intuito de contribuir com o processo de treinamento de atletas. As pesquisas apontam que a maior parte das lesões é de natureza traumática, por consequência do choque com a própria prancha ou com o fundo^{8,9}. As contusões e os ferimentos por corte, em decorrência dos traumas citados, são as mais recorrentes, sendo que as entorses de tornozelo e joelho, por consequência da execução de manobras sem êxito, também aparecem dentre as principais incidências na literatura^{7,10,11}.

Ainda assim, o surf pode ser considerado um esporte seguro, e quando comparado a modalidades como o futebol, o voleibol ou o rúgbi, as incidências de lesões graves, capazes de afastar o surfista por um longo tempo, não são frequentemente diagnosticadas¹².

SURF DE COMPETIÇÃO

Ao abordar um panorama voltado ao surf de competição de alta *performance*, é importante destacar os fatores organizacionais, o formato das competições, os critérios de julgamento da modalidade bem como uma compreensão de como se comportam as ondas.

Como já foi descrito anteriormente, a ASP é a instituição encarregada em gerir o surf profissional em nível mundial. Baseada em dois circuitos mundiais, a ASP promove um campeão mundial por ano. Os dois circuitos funcionam como uma espécie de duas divisões no cenário mundial. Assim o circuito designado *World Tour* (WT), composto por 34 atletas, é a primeira divisão do surf mundial, sendo que o vencedor consagra-se o campeão do mundo. No entanto para adquirir o acesso ao

seleto WT os atletas buscam a classificação através de um segundo circuito, um circuito classificatório de acesso designado *World Qualifying Series* (WQS).

O circuito do WT, onde se encontra a elite do surf mundial, se procede durante o ano conforme um calendário que envolve de oito a doze eventos (etapas) ao longo da temporada. Cada etapa apura um campeão que retém certo número de pontos que serão computados no ranking. De acordo com a colocação em cada etapa o atleta acumula um número correspondente de pontos. A soma desses pontos que atribuem colocações no ranking irá consagrar o campeão mundial no fim do ano.

O formato de competição nas etapas do WT se transcorre ao longo de oito fases de baterias classificatórias que estabelecerão o vencedor da etapa. As baterias são compostas por dois atletas, onde o vencedor avança para próxima fase enquanto o perdedor é eliminado da etapa.

Durante cada bateria, de aproximadamente 30 minutos de duração, os atletas têm direito a surfar de 10 a 15 ondas no máximo (vale ressaltar que os oponentes nunca dividem as mesmas partes de uma mesma onda). Notas são atribuídas em função das manobras realizadas pelo surfista a cada onda surfada e o atleta é classificado conforme a somatória das duas melhores notas, ou seja, conforme suas duas melhores onda¹³. O que leva a concluir que o que realmente importa é qualidade e não quantidade. E é devido a este fato que os atletas presentes nas baterias passam a maior parte do tempo aguardando por uma onda decisiva do que surfando de fato.

O surfista começa a ser pontuado a partir do momento que se coloca de pé na prancha para depois realizar sua sequência de manobras. A nota é estabelecida de acordo com a prestação do surfista na onda (manobras) seguindo um critério de julgamento preestabelecido.

Tendo em vista que a execução de manobras expressivas, aplicadas a uma onda de qualidade é o fator determinante e o principal objetivo dos atletas em busca

do melhor desempenho na competição cabe aqui um melhor entendimento das ondas e dos critérios de julgamento adotados pela comissão de arbitragem da ASP.

De acordo com Moreira⁷ a estrutura de uma onda que permita que o surfista aplique manobras em uma competição de surf pode ser descrita conforme uma nomenclatura específica como sugerida na figura 1.

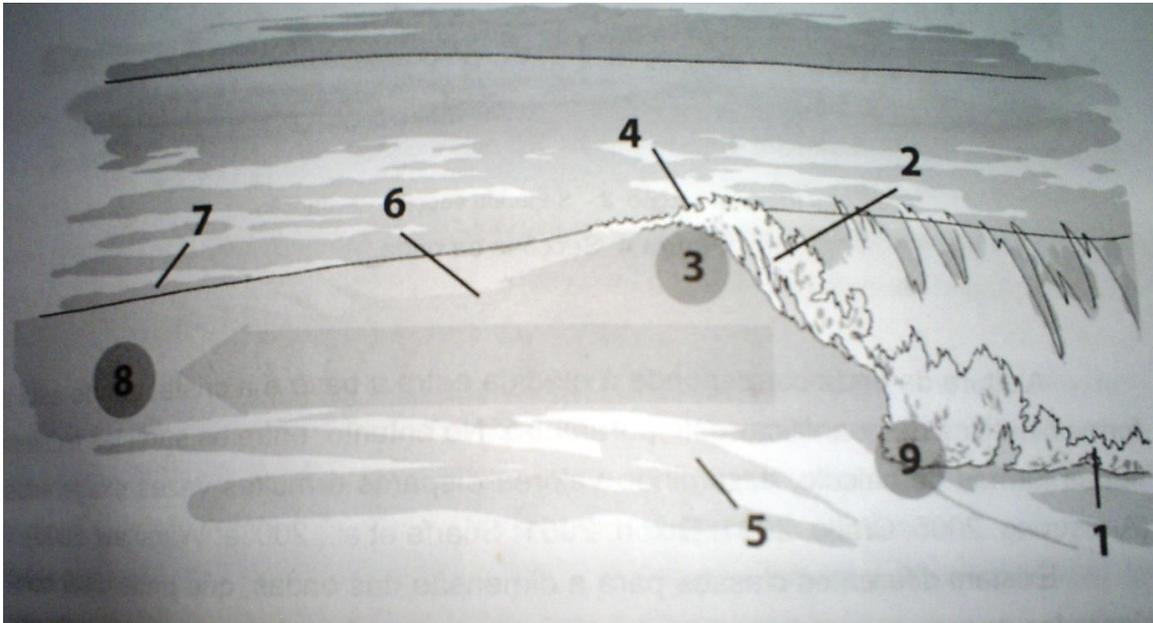


Figura 1: Estrutura da onda vista de frente (face da onda) (MOREIRA, 2009)

- 1- Espuma; 2- Lip; 3- Pocket; 4- Crista; 5- Base; 6- Parede; 7- Ombro; 8- Sentido da rebentação;
9- Zona de impacto

Segundo o livro de regras da ASP (2009), o surfista deverá desenvolver a sua *performance* nas baterias, dentro dos critérios chaves do Critério de Julgamento da ASP para maximizar o seu potencial de pontos. Os juízes analisam os seguintes conceitos chaves quando avaliam e pontuam as ondas surfadas em uma bateria: compromisso e grau de dificuldade das manobras; manobras inovadoras e progressivas; combinação das principais manobras; variedade de manobras; velocidade, pressão (intensidade com a qual se aplica as manobras) e fluidez.

Tais definições estão diretamente relacionadas com a capacidade de o surfista projetar suas manobras nas secções mais críticas da onda, já que o surfista só consegue ser veloz, potente e radical ao atacar a parte da onda que promova a mais

forte reação em sua prancha. Sendo assim, conforme as definições das partes da onda indicadas por Moreira⁷ (figura 1), a parte mais crítica da onda é a que foi designada como *pocket*.

ASPECTOS TÉCNICOS

Durante a prática do surf, os atletas fazem uso de um repertório de técnicas específicas. Dentre as quais envolvem técnicas de remada, submersão, sentar na prancha, subir na prancha e as técnicas a partir do momento em que o surfista se encontra de pé na prancha (manobras). As manobras são as ações técnicas mais relevantes do surf e caracterizam a modalidade. As manobras são ações motoras responsáveis pelo movimento do surfista, e conseqüentemente da prancha, tendo com elas relacionados os aspectos cognitivos⁷. Vale ressaltar que prontamente assumida a posição de pé, o surfista deve assumir a posição base para daí então iniciar sua jornada de manobras. A posição base é adotada com o pé de trás junto à calda da prancha e o da frente sobre o centro de flutuação da mesma^{5,7,14}, como exemplificado na figura 2.



Figura 2 - Exemplo da posição base do surf

Palmeira¹³ observou que as manobras executadas pelos surfistas são de grande complexidade, sendo que o atleta deve manter em todos os momentos o maior controle sobre sua prancha e sincronia total com a onda em que estiver surfando. Os movimentos necessitam de uma combinação precisa entre a

coordenação motora, agilidade, velocidade e força de explosão, dentre outras qualidades físicas¹⁵. Alguns exemplos de manobras podem ser observados na figura 3.



Figura 3: Exemplo de manobras

Ainda são poucos os estudos que relacionam a execução de manobras com notas atribuídas. Segundo Peirão e Santos²⁰, as manobras realizadas pelos surfistas numa competição podem ter influência direta ou indireta sobre a atribuição das notas, sendo que as variáveis representantes dos critérios de julgamento do surf elencadas pela ASP, correlacionam-se significativamente com as notas atribuídas pelos juízes. Já as pesquisas de Souza et. al.²¹, encontraram influência significativa da execução do *bottom turn*, movimento curvilíneo que antecede as principais manobras, sobre as notas atribuídas. Evidenciando aspectos técnicos que devem ser levados em consideração no processo de estruturação do treinamento de atletas desta modalidade.

ASPECTOS FÍSICOS

Ao considerar a trajetória de um surfista numa onda, a partir do momento em que este fica em pé na prancha até o fim desta mesma onda, o surf é um esporte que utiliza prioritariamente a fonte energética anaeróbia, com alternância dos sistemas alático e/ou lático consoante o tempo total de sua viagem numa onda,

tempo este que pode variar de 2 até 40 segundos. Contudo, quando o surfista se desloca remando pela superfície do mar, o sistema aeróbio é preponderante^{8,13,16-19}.

As propostas de taxonomia do surf o incluem no universo dos esportes de destreza, onde prevalecem as habilidades psicomotriz^{7,22}. Conforme as subdivisões de grupos de desportos definidas por Bompa²³, entende-se que o surf pode ser incluído no grupo de desportos altamente dependentes da coordenação motora, onde a complexidade técnica das habilidades determina a modalidade. O que sugere que no desporto em questão não há uma capacidade física condicionante do desempenho como força, velocidade ou resistência, mas sim a integração dessas capacidades apoiadas numa eficiente coordenação motora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de um olhar mais minucioso em torno de todos os aspectos que envolvem essa modalidade, a imagem de um esporte simples onde puramente desliza-se sobre as ondas da lugar a uma modalidade esportiva de extrema complexidade técnica onde variáveis climatológicas agem constantemente sobre o ambiente de sua prática tornando-a ainda mais desafiadora. Sobre o olhar competitivo, trata-se de uma modalidade bem estruturada em termos organizacionais, de um esporte que segue um metucioso e subjetivo critério de julgamento, onde os atletas, sobre o olhar dos juízes, executam suas manobras de alta demanda técnica sustentados em suas capacidades físicas. Ainda por se tratar de um esporte radical, existe um risco iminente onde é fundamental que o praticante esteja consciente desse risco e atento as principais incidências de lesões na modalidade. No mais, o surf é um esporte que inspira saúde, capaz de promover, sobretudo, uma maior qualidade de vida a seus praticantes por meio de um contato constante com a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Guttenberg A. A história do surfe no Brasil. São Paulo, Azul 1989.

2. Vagheti CAO, Roesler H, ANDRADE A. Tempo de reação simples auditivo e visual em surfistas. Rev Bras Med Esporte 2007;13(2):81-85.
3. Ferrão ST. Regulamentação e Desenvolvimento das Escolas de Surfe no Brasil. 2003. 59 f. [Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel) - Curso de Esporte]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2003.
4. Warshaw M. The encyclopedia of surfing. Orlando: Hartcourt, Inc, 2003.
5. Araña, F. Aprenda a Surfar: Esporte, lazer, saúde e integração com a natureza. Santos: Do Autor; 2007
6. Kampion D & Brown B. Uma história da cultura do surfe. Los Angeles: Evergreen, 1998.
7. Moreira M. Surf: Da ciência à prática. Lisboa: Fmh Edições, 2009
8. Steinman J. Surf e Saúde. Florianópolis: TAO; 2003
9. Base LH, Alves MAF, Martins EO, Costa RF. Lesões em surfistas profissionais. Rev Bras Med Esporte. 2007;13(4):251-253
10. Nathanson A, Haynes P, Galanis D. Surfing injuries. Am J Emerg Med. 2002;20:155-60
11. Lowdon BJ, Pateman NA, Pitman AJ, Kenneth R. Injuries to international surfboardriders. J Sports Med. 1987;27:57-63.
12. Steinman J, Vasconcelos EH, Ramos RM, Botelho JL, Nahas MV. Epidemiologia dos acidentes no surfe no Brasil. Rev Bras Med Esporte. 2000;6(1):9-15

13. Palmeira, MV. Influência do sistema nervoso autônomo nas alterações cardiovasculares e metabólicas de surfistas profissionais. 2007. 87 f. [Dissertação (Mestrado)] São Paulo (SP): Universidade São Judas Tadeu, 2007.
14. Alderson, W. Surfing. A beginner's manual. West Sussex: Fernhurst Books, 1996
15. Palmeira, MV; Campos, Helio José Bastos Carneiro de. Periodização para o treinamento físico de surfistas competidores. Revista Baiana de Educação Física, Salvador, n. , p.23-35, jan. 2005.
16. Carlet R; Fagundes AL; Milistedt M. Variáveis fisiológicas de competidores participantes do campeonato brasileiro de surf amador. Efdeprtes, Buenos Aires, n. , p.1-8, nov. 2007.
17. Lowdon, B; Pateman, N. Physiological Parameters os International Surfers. Australian Journal Of Sports Medicine, p. 34-39. 12 fev. 1980.
18. Méndez-Villanueva A. Bishop D. Physiological aspects of surfboard riding performance. Sports Med 2005;35(1):55-70.
19. Navarro F, Danucalov MA, Ornellas FH. Consumo máximo de oxigênio em surfistas brasileiros profissionais. Rev Bras Ciênc Mov 2010;18(1):56-60.
20. Peirão R, Santos SG. Critérios de Julgamento em Campeonatos Internacionais de Surfe Profissional. Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum 2012;14(4):439-49

21. Souza PC, et al. Correlação da técnica bottom turn com as notas atribuídas no surf de alto rendimento. Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum 2012;14(5):554-561.
22. Brasil, VZ; Ramos,V; Terme, AA. O surf como esporte moderno: uma proposta de taxonomia. Efdeprtes, Buenos Aires, n. , p.1-14, jun. 2010
23. Bompa, TO. Periodização: teoria e metodologia do treinamento. São Paulo: Phorte Editora; 2002.